



**XII SIMPÓSIO INTERNACIONAL
PROCESSO CIVILIZADOR**

10, 11, 12 e 13 de novembro de 2009

RECIFE/BRASIL

Civilização e Contemporaneidade

RACIONALIZANDO O MACHUCAR: PROCESSO CIVILIZADOR E AS ARTES MARCIAIS

Thiago Pimenta
UNIBRASIL
thiagopimenta@unibrasil.com.br

Resumo: Artes marciais são reconhecidas como práticas das manifestações corporais tendo variações centradas em métodos que exercem influência “técnica” em defesa pessoal, “bem estar” e esporte de alto nível. O trabalho busca evidenciar o processo pelo qual um conjunto de movimentos específicos voltados para ferir, é escolhido, hoje, por indivíduos para trazer-lhes paz e condicionar uma espécie de padrão de conduta. Buscou-se o referencial de Norbert Elias (1993) ao tratar do Processo Civilizador e análise de entrevistas semi-estruturadas com dois “mestres” de artes marciais distintas. Considerou-se que as práticas destas modalidades mantêm-se renovadas através do constante aprimoramento nos discursos dos agentes.

Palavras-chave: Artes marcial , processo civilizador, paz.

Abstract: Martial arts are recognized as the practices of physical manifestations having variations focused on methods which exert "technical" influence on self-defense, "welfare" and high level sport. The present work seeks to demonstrate the process by which a set of specific movements aimed to hurt, is chosen today for individuals in order to bring them peace and constrain some sort of standard of conduct. Norbert Elias's (1993) benchmark was searched when dealing with the civilizing process and the semi-structured interviews were analyzed with two "masters" of different martial arts. We've considered that the practices of these modalities remains renewed through constant improvement in the agents speeches.

Keywords: Martial arts, civilization processes, peace.

Introdução

Artes marciais são reconhecidas popularmente como práticas relacionadas a manifestações corporais tendo suas variações centradas em métodos que exercem sua influência “técnica” em defesa pessoal, “bem estar” e esporte de alto nível. O reconhecimento destas manifestações paira sobre os espaços do misticismo e do pensamento racional.

São conhecidas suas formas de expressões características em filmes, histórias em quadrinhos, jogos para *vídeo games* e desenhos animados com golpes que desafiam o pensamento lógico, pois a elas associa-se um alto valor místico e transcendental.

O que torna-se pertinente é a observação dos processos que formam um campo específico. Um campo onde seu conteúdo caracteriza-se por uma indicação de caminhos de vida pautados pelo seguimento de um possível código moral seja ele religioso filosófico –

caso das artes marciais do extremo oriente – através de práticas corporais criadas com o fim da defesa pessoal.

Determinados tipos de manifestação corporal possuem uma história própria, imbuída de conteúdos específicos, especialmente as artes marciais. Pertinente relatar que esta é apenas uma nomenclatura que procura agregar uma gama de modalidades específicas que, por sua vez são dotadas, cada uma de uma história singular.

Qualquer estudo que procure ilustrar uma forma desta manifestação deve trabalhar com o sentido prévio de que artes marciais – as de origem ocidentais e orientais – são possivelmente manifestações corporais de heranças milenares, podendo possuir características religiosas, míticas, criadas pela necessidade de defesa territorial e pessoal que hoje convém-se chamar de manifestações que proporcionam práticas de condicionamento físico através de exercícios corporais específicos e/ou esporte.

Para o leitor desprevenido há a impressão de que reduz-se aqui todas as manifestações de artes marciais à um conteúdo religioso *per se*. Neste sentido, como os famosos e milionários eventos de MMA – *Mixed Martial Arts* – podem fazer parte de um campo religioso? Como pensar em um conteúdo moral, ético presente em um grupamento de movimentos criados para machucar pessoas?

A superação do adversário, neste caso, não se dá apenas por quem joga mais alto, corre mais rápido ou salta mais longe, mas também pelo nocaute, pelo jorrar de sangue. E a fascinação por este tipo de prática não deixa de se fazer presente no campo esportivo.

Vê-se, portanto que as artes marciais – especialmente as de origem no extremo oriente – práticas herdeiras de princípios religiosos característicos pela reificação do espírito sobre a matéria, passam a integrar um outro espaço, o espaço da competição não mais pela defesa de sua própria vida, mas pela espetacularização associada à busca de um ascetismo religioso.

Em outro trabalho publicado¹ já foi ilustrada as artes marciais como um novo espaço dos possíveis, a formação de um campo onde os capitais buscados são os mesmos², mas que estão sempre em mutação, onde antes havia a busca por um condicionamento espiritual através da melhoria da qualidade técnica dos movimentos – aí uma das possibilidades de relacionamento entre religiosidade e artes marciais especialmente as de origem oriental – hoje, a qualidade técnica é buscada mas o discurso da moralidade, da ética, da busca de uma etiqueta ou padrões de conduta torna-se uma herança dos condicionamentos e códigos dos fundadores de cada arte marcial, um discurso que, como hipótese, é constantemente adaptado em relação a época.

Portanto, o presente trabalho busca evidenciar o processo pelo qual um conjunto de movimentos específicos voltados para ferir, pode ser buscado, hoje, por indivíduos para trazer-lhes paz e condicionar uma espécie de etiqueta, ou seja, padrões de comportamento voltados à boa convivência coletiva. Torna-se mais interessante ilustrar como estas manifestações que possuem milênios de história podem fazer parte do cotidiano contemporâneo.

Para dar suporte teórico ao estudo, buscou-se o referencial de Norbert Elias (1993) ao tratar do Processo Civilizador. Pensando neste processo, e remetendo-se aos estudos do sociólogo alemão, em uma análise superficial poderia ser possível afirmar categoricamente que: se o processo histórico fosse linear, a prática de um conjunto de movimentos criados para machucar e imobilizar o corpo de outro indivíduo – seja para defesa ou para ataque – deveriam ter sido banidas do contexto contemporâneo dado que no processo civilizador a

¹ PIMENTA, T. Artes marciais no Brasil: um espaço dos possíveis. XI Congresso nacional de história do esporte, educação física, lazer e dança: historiografia e fontes. UFV, Viçosa. MG. 2009.

² Em capitais refiro-me aqui aos propostos por Bourdieu: Capitais econômicos, sociais, culturais e simbólicos.

contenção de atitudes evidenciadas pela constante interdependência entre os indivíduos torna-se condição essencial para a convivência coletiva. Mas os dados mostram o oposto.

Levantamento realizado pelas confederações brasileiras de algumas artes marciais de origem oriental (2008), é possível evidenciar que, apenas no Brasil a aceitação destas práticas é considerável: *Judô*: 2 milhões de praticantes, *Karatê*: 800 mil praticantes, *Jiu-Jitsu*: 370 mil praticantes, *Kung Fu*: 370 mil praticantes, *Taekwondo* 220 mil praticantes³.

A análise de Elias, pautada em estudos que referem-se às explicações sociais de longo prazo, diz respeito às transformações sociais européias, que contribuíram para a formação dos Estados atuais e para a formação de uma estrutura mais complexa de interdependência entre os sujeitos: “[...] nessa sociedade, a competição interna pela terra se intensificava devido ao crescimento da população, à consolidação da propriedade e às dificuldades de expansão interna”.⁴

O vencedor subjugava os outros, transformando-se no dono de todas as oportunidades:

Os poucos vitoriosos continuavam a lutar e o processo de eliminação se repetia até que, finalmente, a decisão ficava apenas entre dois domínios territoriais reforçados pela derrota e incorporação de outros. Todos os demais – tivessem ou não se envolvido na luta, ou permanecessem neutros – eram reduzidos pelo crescimento desses dois à condição de figuras de segunda ou terceira classe, embora ainda conservassem certa importância social.⁵

Importante também recordar que o constante processo de interdependência evidencia a necessidade do comedimento, pois, qualquer espécie de atitude influenciará em determinado tipo de benefício ou não. Ou seja, no ambiente contemporâneo, qualquer tipo de amostra de sentimentos como raiva, ódio, amor pode levar à vergonha.

Pertinente exemplo é o que Elias traz quando trata do processo de transformação de uma aristocracia militar em nobreza de corte, ou seja, os antes cavaleiros, passam por um processo de curialização.

A obra de Elias concentra sua análise na história européia mas, procurar-se-á relatar aqui manifestações que possuem suas referências históricas orientais em sua grande maioria, mas o que não limita o estudo, pois é necessário pensar Elias como um modelo de análise, uma vez que: “A questão é avançar a análise verificando a dinâmica de processos civilizadores fora do ambiente europeu”.⁶

Racionalizando o machucar

Dado seu caráter propedêutico – caracterizado por necessidade de meditações e conhecimento de técnicas de respirações – seqüências de movimentos realizados como se estivesse lutando com inimigos imaginários⁷, uma origem mimética com os movimentos dos animais, o conhecimento de pontos de pressão, manipulação de articulações, técnicas de golpes com os punhos, pés, pernas, joelhos e cotovelos, não é de se estranhar que em

³ Informações fornecidas pelos setores de relações públicas das Confederações Brasileiras de cada arte marcial, 2008.

⁴ ELIAS, N. **O processo civilizador: Formação do Estado e civilização**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1993. p. 93.

⁵ ELIAS, loc. cit.

⁶ GEBARA, A. **Tecnologia e história: Johan Goudsblom e Norbert Elias**. In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, PR.

⁷ *Kata* nas artes marciais japonesas, *Kati* nas artes marciais chinesas e *Poom See* nas artes marciais coreanas. Muitas vezes chamadas de Fórmulas em português.

algum momento histórico alguém criou uma manifestação corporal que possuía alguns destes elementos práticos. A história, portanto, remete à Índia, em especial a uma arte marcial: o *Vajramushti*.

O *Vajramushti*⁸ data de épocas anteriores ao surgimento do budismo, é pré-ariana, ou seja, provavelmente criada pelos drávidas, povo de pele escura que habitou a Índia em 3500 a 1500 a.C.

Tal manifestação possui todos os elementos e práticas marciais conhecidas hoje, desde os golpes às técnicas de respiração, concentração e outros movimentos com raízes no Yôga.

O *Vajramushti*, portanto, de acordo com os cálculos foi a manifestação corporal de caráter bélico e propedêutico praticado por Bodhidharma e levado aos mosteiros dos monges *Shaolin*. Hoje na Índia ainda pratica-se o *Vajramushti*, mas com o nome de *Kalaripayat*⁹.

Há relevância, portanto em se pensar o processo civilizador e as artes marciais. Todo processo de interdependência averiguado pela observação da sociogênese dos países europeus, pode ser observada em outros países quando aplicado o modelo de observação de Elias.

Seguindo uma possível comparação com o pensamento de Eliasiano referente à busca de excitação do Europeu – tem-se que as sociedades mais desenvolvidas ou industrializadas encontram a necessidade de repressão de suas atitudes mais naturais como o chorar, o gritar, o lutar:

Mesmo nas situações de grandes crises da vida privada dos indivíduos, quando ocorrem erupções repentinas de sentimentos fortes, estas escondem-se, de um modo geral, na intimidade do círculo mais íntimo. [...] Habitualmente é motivo de embaraço para quem assiste e, com freqüência, motivo de vergonha ou arrependimento para aqueles que se permitiram ser dominados pela excitação.¹⁰

Elias e Dunning (1979) afirmam que a prática desportiva serve como um espaço, quase institucionalizado, para a exaltação destas emoções suprimidas pelo processo social. O xingar, o gritar, o bater tornam-se permitidos no campo do esporte. Mas e às artes marciais? Este espaço que configura-se primariamente por movimentos que buscam a técnica correta para proporcionar dor? Ou seja, o ato de machucar o adversário não se encontra de forma secundária ou como “desculpa” para interceptar uma bola.

Por maiores que sejam os discursos que exaltam as artes marciais como uma busca de um caminho de vida pautados por conceitos éticos, morais e, em alguns casos pautados por um código de conduta religioso budista ou por códigos morais confucionistas, estas práticas são treinadas para inflingir dor ao oponente, através da defesa ou do ataque.

Portanto, cabe aqui compreender o porquê, estes atletas, praticantes encontram-se muito mais suscetíveis à uma ascese dado o conteúdo histórico destas práticas que sempre estiveram atrelados à uma observação dialética entre o treinamento do corpo e da consciência – onde hoje convém-se chamar de espírito ou mente.

Não raro, os praticantes comparam-se com guerreiros, fazem reverência ao oponente, se abraçam após os sangrentos combates, ou seja, reproduzem uma gama de instructos necessários para seu reconhecimento nestas práticas, uma espécie de atitude que pode-se reduzir a idéia industrializada de *fair play*, mas que configurou-se em um espaço

⁸ *Vajra* real, bastão, cetro, vara, direto, reto, correto; *mushti*: golpe, soco, punho, raio.

⁹ *Kalari*, campo de batalha, *payat*, adestramento.

¹⁰ ELIAS, N. ; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992, p.103.

histórico, herdado pela defesa de territórios e famílias onde um movimento errado poderia custar-lhe a vida.

Parece sensato afirmar que a constituição destas práticas em nada assemelham-se com os esportes ditos “tradicionais” como o futebol, basquetebol, voleibol ou handebol. Tais práticas não nasceram da necessidade de manutenção da vida através de uma gama de exercícios propedêuticos e defesa pessoal. Não constituem-se também pela busca – hoje cada vez mais acentuada – de um modo de vida “espiritual”.

Torna-se necessário expor aqui que as artes marciais não nasceram da criação de movimentos. Os movimentos corporais humanos sempre estiveram presentes. O que criou-se foi uma padronização destes movimentos, a formação de programas motores que otimizaram o processo de ferir e matar.

Os milenares e, muitas vezes lendários “mestres” disseminadores de suas artes marciais o são, pois racionalizaram suas habilidades de ferir ou imobilizar mais rápido e com menor gasto energético. Esta necessidade de otimização do movimento corporal só pode ser observada pela capacidade humana de racionalizar.

Interessante é observar que estas técnicas foram sendo criadas, modificadas, aprimoradas mesmo com o aparecimento das armas de fogo. As batalhas – medievais e anteriores – por territórios, tanto na Europa, como em outros países, eram muito mais pessoais. O contato com o inimigo era muito mais próximo aumentando a chance de ferimento e/ou morte, portanto, aumentando a necessidade técnica dos movimentos e armas.

O processo de criação de novas armas, especialmente as armas de fogo, tem como prioridade dar mais segurança ao atacante, o que, por ventura, torna a retirada de uma vida muito mais impessoal.

Esta necessidade de melhoria técnica está intrinsecamente presente no processo civilizador, mas em termos de processo, pois:

O processo de tecnização e o processo civilizador, segundo Norbert Elias, são ambos processos não planejados de longo termo, sem objetivo a longo prazo. Eles são não planejados, tendo em vista que surgem do entrelaçar, da conjunção, da cooperação e confrontação de muitas atividades planejadas.

No pensamento de Norbert Elias, o processo de tecnização evolui à medida que o homem trabalha em busca de uma vida melhor.¹¹

O processo civilizador está ligado ao ganho progressivo de auto controle por parte dos indivíduos, auto controle necessário para a convivência social e para o progresso industrial e comercial.

Considerações

Portanto, mesmo com o progressivo aumento deste auto controle, às artes marciais ainda atribui-se grande relevância na sociedade atual. Relevância, esta, indicada por seu aparecimento como esporte de alto rendimento ou como modalidade de exercício que visa a auto defesa, a melhoria do condicionamento físico ou mesmo pela busca de “bem estar”.

Este processo de melhoria técnica deve ser visto também, pela necessidade de melhoria da técnica corporal e a intervenção do processo civilizador. Embora, com a melhor eficiência dos meios de matar, tornando a morte mais impessoal, as artes marciais –

¹¹ PAGANI, R. RESENDE, L. PILATTI, L., Tecnização e civilização: a interação destes processos no pensamento de Norbert Elias. IX Simpósio internacional processo civilizador. 2008.

atividades primariamente em sua grande maioria criadas para este fim – continuam sua existência.

De acordo com entrevistas realizadas para a dissertação de mestrado em sociologia pela UFPR em 2007 com alguns “mestres” de artes marciais brasileiros, pode-se evidenciar que a valorização do discurso esportivo e do exercício físico é o que torna-se relevante no processo de divulgação destas manifestações hoje.

[...] como você vai poder divulgar uma arte marcial em um jornal? Dizendo que é pra defesa pessoal? Isso todo mundo sabe, agora se tem uma competição, duas pessoas lutaram, foi campeão Pan americano, aí você tem notícia, aí nós não podemos fugir disso.¹²

O discurso do “bem estar” através da busca de uma evolução espiritual, quase ritualizada, também encontra-se presente em algumas destas modalidades, em especial às artes marciais que se caracterizam por não serem “competitivas”:

A filosofia do Aikido é muito mais ampla do que seu simples contato pessoal. A prática do Aikido surge como desenvolvimento espiritual, quem não acredita nisso considera como a mente, a evolução da mente da pessoa, não é inibitivo a palavra espírito. Mas na verdade é a palavra espírito, o desenvolvimento espiritual. E o desejo de competir leva a não harmonizar.¹³

As falas e as observações sobre o processo civilizador e as artes marciais, indicam que as práticas destas modalidades mantêm-se renovadas através do constante aprimoramento nos discursos dos agentes destas manifestações.

Discursos estes, que devem estar sempre em conexão com a época e, conseqüentemente, com os indivíduos que vivem nela. A busca por determinadas práticas, não pode ser explicada simplesmente por uma necessidade de “válvula de escape”, ou, como citam Elias e Dunning (1992), por uma necessidade de equilíbrio onde se a sociedade atual não permite diversas expressões de emoções é necessário, portanto, encontrar um local onde torne-se possível extravasá-las.

É importante e relevante esmiussar os processos pelo qual os indivíduos escolhem tais modalidades e como elas se mantêm sempre renovadas. Qual o discurso dos indivíduos representantes das mesmas.

Portanto, as artes marciais fazem parte de um universo específico e peculiar. São práticas que em sua grande maioria convém-se chamar de esporte, mas que possuem uma série imbricada de aspectos relevantes mas pouco estudados pela Sociologia ou pela Educação Física.

Pensar nos processos históricos de cada arte marcial – ocidental ou oriental – é remeter-se à um conjunto de movimentos corporais regrados, otimizados e estabelecidos como institucionais, ou seja: determinados grupamentos de movimentos tornaram-se racionalizados. E, com a racionalização destes movimentos, vem-se a racionalização dos discursos para a utilização destes movimentos.

¹² GOULART, F.. “**Mestre**” Fábio Goulart e o Taekwondo: depoimento [jan.2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Santos: Academia de Taekwondo Fábio Goulart, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

¹³ LEMOS, J. G. depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: Heywa Dojo, 2007. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Racionalizar uma gama de padrões motores no sentido de machucar um oponente, ou mesmo matá-lo, parece ser um tanto descivilizado do ponto de vista civilizado, mas, de certa forma, não de um ponto de vista civilizador.

Referências

ELIAS, N, **O processo civilizador: uma história dos costumes**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1993.

_____. **O processo civilizador: formação do estado e civilização**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1993.

_____.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

GEBARA, A. **Tecnologia e história: Johan Goudsblom e Norbert Elias**. In: IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, PR.

PAGANI, R.; RESENDE, L.; PILATTI, L. **Tecnização e civilização: a interação destes processos no pensamento de Norbert Elias**. IX Simpósio internacional processo civilizador. 2008.

PIMENTA, T. F. F. **A constituição de um sub-campo do esporte: o caso do Taekwondo**. Curitiba, PR: UFPR, 2007. Originalmente apresentada como dissertação para a conclusão de mestrado em Sociologia, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2007.

PIMENTA, T. **Artes marciais no Brasil: um espaço dos possíveis**. XI Congresso nacional de história do esporte, educação física, lazer e dança: historiografia e fontes. UFV, Viçosa. MG. 2009.

Entrevistas

GOULART, F. **“Mestre” Fábio Goulart e o Taekwondo**: depoimento [jan.2006]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. Santos: Academia de Taekwondo Fábio Goulart, 2006. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.

LEMONS, J. G. **“Mestre” José Gomes Lemos e o Aikido**: depoimento [jan. 2007]. Entrevistador: T. F. F. Pimenta. São Paulo: Heywa Dojo, 2007. 1 cassete sonoro (30 min). Entrevista concedida para dissertação de mestrado em sociologia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR.